

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
6 de Janeiro de 2023  
JEAN-MARIE STRAUB – NUNCA RECONCILIADO

## TOUTE RÉVOLUTION EST UN COUP DE DÉS / 1977 "Toda a Revolução é um Lance de Dados"

*Um filme de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet*

*Argumento e montagem:* Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, baseado no poema *Un Coup de Dés Jamais N'abolira le Hasard*, de Stéphane Mallarmé / *Direcção de fotografia* (35 mm, Eastmancolor): William Lubtchansky / *Som e Mistura:* Louis Hochet / *Participação de:* Danièle Huillet, Helmut Färber, Michel Delahaye, Georges Goldfayn, Marilù Parolini, Manfred Blank, Aksar Khaled, Andrea Spingler, Dominique Villain.

*Produção:* Straub-Huillet / *Cópia:* 35mm (suporte original), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 11 minutos / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca a 12 de Novembro de 1998, no âmbito do ciclo "Straub-Huillet".*

\*\*\*\*\*

**Toute Révolution est un Coup de Dés** é apresentado com **Fortini/Cani** ("folha" distribuída em separado).

\*\*\*\*\*

**Toute Révolution est un Coup de Dés** é uma frase de Michelet citada em epígrafe a este breve filme, que é uma espécie de *croquis* cinematográfico e ao qual também emprestou o seu título. **Toute Révolution est un Coup de Dés** está para outros filmes de Straub-Huillet como um esboço em desenho está para uma pintura a óleo, mas é extremamente rico de sentido para quem tem as referências adequadas (Straub e Huillet não fazem filmes para todos os públicos, fazem-nos para espectadores específicos). O que vemos durante quase todo o filme? Um grupo de nove pessoas sentadas na relva. Depois de um breve plano de conjunto, elas não voltam a ser vistas em grupo, são sempre mostradas individualmente (uma delas, não a menos intensa, não a menos marcada pelo seu sotaque de classe, é Danièle Huillet). E o que fazem estas pessoas? Recitam um dos mais difíceis poemas de um dos mais herméticos poetas franceses, *Un Coup de Dés Jamais N'abolira le Hasard*, de Mallarmé. Poema de certa forma "irrecitável", de tal forma Mallarmé usou a posição das palavras na página e o grafismo como um elemento estrutural. Nenhuma destas pessoas é um ator profissional, nem todos são franceses e nisto o filme é típico dos seus realizadores, que não gostam da rotina profissional do ator, sobretudo diante de um texto "nobre", não gostam da empostação e da escanção tradicionais, gostam de variados sotaques e detestam as inflexões teatrais. Gostam que os não-actores dos seus filmes sejam confrontados a obstáculos, como dizer um texto difícil numa língua estrangeira (e recitar este texto de Mallarmé é um obstáculo para qualquer pessoa). Jean-Marie Straub não gosta da noção de *cinema minimalista* que um dos seus primeiros exegetas (Richard Roud, no primeiro livro a ter sido publicado sobre o seu trabalho) utilizou a propósito do seu cinema. Mas esta noção é válida, na medida em que o cinema de Straub-Huillet é infinitamente atento aos mínimos pormenores da matéria de um filme (timbres, hesitações da voz, ruídos, sons imprevistos), atento ao que se passa num plano fixo, tudo o que começa por ser quase imperceptível e é ampliado, magnificado pela duração. Ao parecer não mostrar "nada", este cinema mostra muito, dirigindo-se a outra forma de percepção.

Mas o que vemos antes destas nove pessoas dizerem o texto de Mallarmé? O plano de abertura de **Toute Révolution est un Coup de Dés** é um movimento de câmara que

desce dos ramos de uma grande árvore e vai até um muro. O *Mur des Fédérés* no cemitério do Père-Lachaise em Paris, onde foram massacrados em 1871 centenas de partidários da Comuna de Paris (por razões práticas, muitas execuções foram feitas diretamente no cemitério). Literalmente: massacre das classes proletárias pela burguesia, massacre dos que tinham resistido pelos que tinham capitulado, como voltariam a capitular, com ainda maior pusilanimidade, setenta anos mais tarde. Oitenta e dois anos depois da "Grande Revolução" e ainda próxima das revoluções de 1830 e 1848, a Comuna foi a última revolução a ter tido lugar em França (Maio de 68 foi uma agitada festa) e foi uma revolução vencida. Sob a elevação em que estão sentadas as nove pessoas que declamam um difícil poema sobre *um lance de dados que jamais abolirá o acaso*, está a fossa comum onde foram atirados os corpos dos que foram massacrados em 1871, depois de um outro *lance de dados*, o da revolução vencida. Poemas e revoluções são *lances de dados*, são sempre imprevisíveis (nunca houve uma revolução anunciada), muito devem ao acaso da combinação de elementos estritos. Ao situarem nesta elevação o ato de dizer o hermético e esotérico texto de Mallarmé, que é um poema sobre o poema, Straub e Huillet trazem à tona as marcas invisíveis da História, as marcas que foram, literalmente, sepultadas. Depois de ter baixado do céu para o chão, no plano de abertura, a câmara volta a subir para evadir-se do espaço fechado do cemitério: no plano final, é alçada por cima do muro diante do qual tiveram lugar os fuzilamentos e descortina um plano geral de Paris. A Paris de 1977, quando ainda havia quem sonhasse ou tivesse sonhado que "a revolução" era possível, a Paris onde Mallarmé escreveu o seu poema e onde teve lugar a Comuna de 1871. É neste sentido que o cinema de Straub-Huillet mostra o que não mostra, demonstra pelo que não mostra. É verdade que, para muitos, uma das fraquezas da arte moderna é que muitas vezes o conceito substitui-se à realização, mas a verdade é que em certos casos o conceito é a realização. E também é verdade que poucos cinemas têm tantos sentidos subjacentes sob os seus sentidos aparentes como o de Jean-Marie Straub e Danièle Huillet. Em **Toute Révolution est un Coup de Dés**, o sentido também é subjacente de modo literal: são os restos dos corpos massacrados de revolucionários vencidos.

Antonio Rodrigues